



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
* Propriedade da Confederação Geral do Trabalho *
EDITOR—**JOAQUIM CARDOSO**
Filiação e administração—Calçada do Carmo, 28-A, 2.º
Lisboa—PORTUGAL
Enc. telegr. *Telheco*—Lisboa • Telefones:
Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ—PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

O ASSALTO DOS SENHORIOS

Quem tem acompanhado esta questão da alta de rendas do caso sabe bem que foi, aqui há dias, voz corrente estar o governo em vias de autorizar os senhorios a impor ao peito deprimido do inquilinato um aumento de alugueis na modesta importância de 40 %.

Final, segundo o governo declarava ontem em nota oficiosa, nada foi autorizado e não se pensa, nas regiões dominantes, em autorizar aos ilustres proprietários qualquer novo passo em frente no concernente à sangria do inquilinato. Sem embargo, os senhorios, com aumento, numa ansia de lucro eternamente insatisfeita, as moradias decrepitas que compõem as ruas de Lisboa. As casas de Lisboa sabe-se que são as mais doctas desta vida. Nos bairros modernos, a solidão que o mar, de Pombal concebera, substituída por um artificialismo periclitante que dá ao morador a impressão de viver sob domoclanos cataclismos prestes a enfiar-lhe a ossatura num desmoronamento que a todo o instante se afigura próximo. As portas decimilimétricas que pretendem isolar uns dos outros os filhos familiares, feitas do pinho rude e por sangrar, como se vê nestas moradias modernas, breve se encurvilham e empunham, estalando lugubremente no silêncio da noite. As janellas não protegem, os tactos não abrigam; e, pelas frestas de todos os cantos, o frio e o vento entram livremente, e o todo oscila na sua fragilidade desconfortante. Fazem-se hoje em dia casas assim, anónimas como a geração que as acceita e as habita. A divisão de compartimentos obedecia a um critério da ganância que estorcece pela preverência. Quartos-boecotas onde cabe a justa o leito mingando de pessoa e meia, tendo o lavatório de ficar do fora; saluhas como caixas de fôforos onde é forçoso fazer-se azeite sempre que quatro visitas coincidem; a cozinha num canto, acanhadinha, própria, aliás, a uma geração que, a pouco e pouco, se vai deshabitando de comer, vivendo de sopa e café, à mingua do cousa mais substancial. As moradias da construção recente ficam assim postas em pé apenas pra dar lucro, uns castelitos de cartas tromeliquentos que o azulejo da tenuíssima fachada pretende mascarar do prédio.

A socialização das mulheres

A estúpida e infame lenda da "socialização das mulheres" na Rússia, fábula que só pôde ser inventada e correr mundo graças a uma prodigiosa combinação de ignorância e má-fé, já nem merece atenção. Desmentida por todos os visitantes insuspeitos da Rússia soviética, recebeu o golpe definitivo no relatório oficial de W. Bullitt, enviado norte-americano.

Entretanto, aparece ainda um outro miserável que teima em reproduzir, verbal ou graficamente, a absurda parábola, que aliás um velho fruto da imbecilidade burguesa, como se pode ver no Manifesto Comunista de 1848, e que resulta do facto de considerarem os burgueses a mulher como um simples objecto de posse, como um simples instrumento. Interessa, pois, apesar de tudo, o mais recente testemunho do jornalista inglês Goode, regressado há pouco da Rússia.

«A nacionalização das mulheres, escreve ele no *Manchester Guardian*, vai para o rol das petas, e com ela a gaia do amor-livre. O casamento é uma função civil, mas desejando as partes uma cerimónia religiosa posterior, nenhum estorvo lhes é posto. O camponês ou operário russo casa-se cedo.

«O mais rude golpe contra esta crença no amor-livre é vibrado pelo facto seguinte: não há, segundo todas as aparições, prostituição pública em Moscova. Não se é particular esta observação: fora anteriormente feita pelo jornalista americano Hunt, vindo da Rússia por Helsíngfors mais de dois meses antes da minha entrada.

«A melhoria nas condições e salários dos trabalhadores, homens e mulheres, removeram uma das principais causas de prostituição, a económica, ao mesmo tempo que tem sido da maior eficácia para deter a prática a presença de membros do União Profissional dos Servidores Domésticos nas comissões que se ocupam do problema.

«Pode ser que se tenha formado secura, isso não sei; o que eu afirmo, a respeito da ausência dessa chaga nas ruas moscovitas, é a observação directa, minha e de outros. De facto, a situação

NOTAS & COMENTÁRIOS

Teatro de S. Bento

Para descanso da companhia não houve ontem espectáculo neste teatro. Alguns artistas faltaram, pelo que não foi possível realizar-se a função.

É a primeira vez, depois de publicada a lei que aumenta o subsídio aos parlamentares, que deixa de haver sessão por falta de número. Todos os que não responderam à chamada deixam de perceber a importância de 15000 que lhes será descontado no subsídio mensal.

Depois de encerrada a sessão, chegaram deputados em número suficiente para já tarde.

Naturalmente, para o futuro serão mais diligentes.

Para hoje está anunciado espectáculo. Se não houver contra-anoúcio, lá estaremos na galeria...

Freedom

Congratulamo-nos em dizer aos camaradas que o ministério da guerra inglês devolveu todo o material tipográfico do mais velho jornal avançado, *Freedom*, de Londres, que tinha sido apreendido em Maio de 1916.

Para sua arella o jornal não deixou de se publicar regularmente, dependendo apenas de mais um pouco de esforço de bons camaradas que, fiéis às ideias, se decidiram a mostrar aos leitores pelas "liberdades" dos povos a falsidade do seu grito de guerra.

Todas as armas servem...

Com o depoimento insuspeito do coronel americano Robbins, que investigou o caso pessoalmente, já aqui mostramos a falsidade dos "documentos Sisson" sobre os bolcheviques—documentos desastrosamente inventados.

Mas há melhor: os contra-revolucionários russos montaram em Penza uma empresa de fabricação de falsos jornais soviéticos! Ora imprimem jornais de Moscova e Petrogrado, inserindo-lhes artigos e decretos absurdos, ora inventam gazetas com títulos horripilantes, à Ponson du Terrail! E assim se espalham entre o povo russo e os estrangeiros notícias "autênticas" e "insuspeitas" que tornam os bolcheviques temidos ou odiados.

Em regime de liberdade

Na pequena cidade de Lagos, nesse Algarve florido, banhado de sol, jardim permanente poitizado pela flor da amendoeira, também existem despotas, ou melhor: despotismos. Na referida cidade, o sr. Pedro Dias, nosso agente, possui um modesto estabelecimento onde vende livros vários, alguns de carácter sociológico. Pois há dias, o administrador do concelho, um sobasinho ignorante e retrógrado, entendeu por bem apreender a maior parte dessas obras, em número de trinta e cinco exemplares, justificando o seu acto com a tola afirmação de que enviaria exemplares vários ao sr. Sá Cardoso, a fim de decidir da circulação de tais impressos. Trafando-se de obras compostas e impressas em Lisboa, e que nesta cidade tem circulado, sem que a autoridade contra elas possa proceder, pois se encontram ao abrigo da lei de imprensa, vê-se pelo decão o tamanho deste gigante... em imbecilidade!

NA INDIA

Aviadores tomados por diabos...

PARIS, 17—Poulet e Benoist continuando a sua viagem por Melbourne, chegaram ao delta de Indus.

A viagem foi bastante acidentada, como o demonstra o seguinte telegrama do maquinista Benoist:

«Harache, 13 de Novembro.—Obrigados a aterrar durante um destes dias de viagem, os habitantes queriam matar-nos, tomando-nos por diabos. Felizmente tínhamos armas e munições em abundância».—*Réda*.

O nosso último placard

O que foi inserto anteontem na «Batalha» e afixado em toda a cidade. — Um polícia : : : abelhudo : : :

A paz com a Rússia

A Inglaterra hostil à intervenção

LONDRES, 18—A opinião pública e o governo manifestam-se contrários a toda a intervenção na Rússia. — H.

Prisão de 400 bolchevistas no Cáucaso

CONSTANTINOPLA, 15—O governo da Georgia teve que reprimir a tentativa de golpe de estado que os bolchevistas preparavam no dia 6 do corrente. Por esse motivo foram presos uns 400 bolchevistas. — H.

LISBOA

Aspectos curiosos dos cais—A estúrdia hipócrita do domingo; o trabalho

... febricitante da semana ...

Notas leves dum "reporter"

Esta Lisboa, cidade imensa, cidade oceano, apesar de muitos apressarem aos quatro ventos a sua insipidez, tem aspectos que prendem a atenção das criaturas dotadas de espírito de observação. Grande cidade cheia de contrastes, ela divide-se em várias cidades-sinhas, cada qual com o seu aspecto próprio, a sua fisionomia. Quantas vezes, ao percorrermos a margem cidade do Tejo, espreitando a vista pelos cais sem fim, mergulhando-a nas águas intranquilas da grande artéria fluvial, salpicada aqui e ali por barcos graciosos de velas enfiadas e por paquetes longos de chaminés grossas e emporcalhadas, quantas vezes, iam dizendo, com curiosidade nos embevecidos na contemplação daquela vida febricitante da Lisboa marítima! A descarga do carvão, pelos transeantes olhada indiferentemente, é um dos detalhes dessa actividade, que singularmente se prende. Aqueles homens, que a lula ennegrecida dos pés à cabeça, de grossas sarapilheiras lançadas pelas costas, ajoalhados ao pé de canas repletas de precioso minério, consomem horas e horas naquele *va-ri-um* interminável entre o barco agarrado no molhe, de âncora bem segura ao leito dosado do rio, e as carruagens que perto os aguardam, engulidas constantemente toneladas e toneladas de carvão, desse carvão que é vida, luz, riqueza. E eles lá andam, horas sem conto, absorvendo a poeira fina que para no ar, exgotados, caídos, o suor ardo-lhes pelos braços, no rosto ennegrecido.

Depois, ao descermos, ao toparmos com a Ribeira, é a movimentada *lota*, a vida regatada de peixe trabalhosa, mente colhida por pescadores tostados, lá montanhas de sardinhas e as pescadoras estendem o dorso carnudo aos enlanguescidos deste sol palido do verão de S. Martinho. Ali reside um dos órgãos do ventre imenso de Lisboa. Aquele peixe, outrora vendido barato, a todas as bolsas acessível, agora regatado, disputado freneticamente pela varinagem, é pouco para o consumo da capital, que dia a dia estende os seus tentáculos. Passado pela cidade, moído, perdido a frescura primitiva, quantas vezes em adiantado estado de putrefacção, é o peixe finalmente vendido quando o sol já vai alto, quando a varina exigente e grosseira, de modos bruscos e grossos cordões de ouro, descobre quem mais ou menos sacrificada mente despensa quantia pesada na aquisição de uma dúzia de magras sardinhas ou de três ou quatro raquíticas postas de pescada que, mais tarde, depois de mal fritas em azeite rançoso, de gosto desagradável, descaradamente falsificado, constituem o prato de resistência da refeição do proletário. E é assim que ao olharmos aquele pedaço da Ribeira, batido pelo sol, barulhento, zaragatoiro, o ar cheio de pragas e de palavrões que ferem, o pensamento parte veloz, cidade fora, prescrevendo em cada lar a tragédia da compra da sardinha ou da pescada, por muitos considerada caso banal neste calejamento criado pelas dificuldades permanentes da vida, mas que tantas vezes provoca um leve apêto do coração, mesmo naqueles menos sensíveis!

E assim, cais fora, vagueando, procurando arranjar do espectáculo que se vai deslizando a nossos olhos a nota interessante que sacia a curiosidade do leitor, galgamos a Ribeira, já longe aquele bulício de pragas e gritos, o rodar de veículos e as imprecações gritadas, depara-se o Terreiro do Paço, de construção rígida, semblante severo, tristonho na oca das suas paredes, nesse amarelo peculiar dos edifícios públicos. Lá ao fundo, o portão largo do entreposto da Alfândega. Ali já a tarefa comum não é desempenhada tam tumultuariamente; há mais disciplina e, certamente, mais escravidão.

Os guindastes estendem os seus braços gigantescos, recolhendo catelosamente mercadorias que carregam barcos encostados à muralha, mesmo junto à terra. O guindaste trabalha e o seu trabalho é acompanhado dum ranger de roldanas, dum interirir estrepitoso de correntes, ao passo que lá em baixo, nos cais e nos navios, há homens que formigam, a face banhada de suor, carregando penosamente, como bestas de carga, todo aquele oceano de fardos que os vãos mercantes, vindos de todas as partes do globo, vem posar em Lisboa, capital dum país de indústria comestiva e que aos mercados longínquos vai mendigar os produtos e matérias primas que o seu sub-solo abriga fartamente, sem que mais audaciosos busquem esses filões inexgotáveis cujo rendimento, com outra organização social, representaria para todos bem-estar e pão com fartura. E aquele ranger de guindastes, o formigar dum pequena multidão pelos armazéns vastos—que muitas vezes servem de cómodo instrumento dos assambarcadores e de abrigo para generos deteriorados—prolonga-se Tejo fora, até às alturas dos Caminhos de Ferro e Xabregas, onde se erguem fábricas de chaminés altas, sempre expelindo volutas de fumo bem negro e onde todo o dia range o tear e se ouve o bater estridente de ferros trabalhados pelas mãos potentes de serralleiros no aço das bigornas.

O soldado e a criança

Um editor alemão publicou uma coleção de cartas de militares, durante a guerra. Há-s interessantes.

Como exemplo, daremos um fragmento dum carta escrita por um oficial prussiano à mãe e datada de Rawka, em 6 de Janeiro de 1915. Este oficial achase numa cidadezinha polaca, onde uma rapariga judia chamada Channah o ajudava a procurar alojamento. Pelo caminho, tem ele ocasião de lhe dizer que nesse dia faz anos sua mãe.

—Como, interrompe a pequena, o sr. tem mãe!

E o oficial prossegue:

«Parecia absolutamente impossível à criança que seres sujos e grosseiros como nós tivéssemos mãe também. Uma pergunta assim, vinda dum boca inocente, faz-nos compreender o abismo profundo que, no campo de batalha, nos separa de todos os nossos, da família, de tudo o que até aqui constituía de certo mundo a nossa vida. E então Channah proferiu palavras que profundamente me comoveram:

—Tua mãe não está sempre a chorar, nesta ocasião?

Respondi-lhe:

—As mães alemãs orgulham-se de saber os seus filhos nos campos de batalha!

Malas postais

Pelo vapor *S. Miguel* são hoje expedidas malas postais para a Madeira, Açores e África Oriental, via Madeira, sendo 9 horas a última tiragem da Caixa geral.

NOTAS & IMPRESSÕES

A cidade-problema

Era uma vez uma cidade muito suja mas muito linda, que tudo quanto era o devia à sua formosura e à sua porcaria. Tam porca e tam linda, que mais porca não havia, nos dizeres dos seus visitantes, e mais bonita também não existia segunda, na opinião dos seus poetas. Os seus habitantes viviam na paz do Senhor, apesar de serem belicosos como burro, e se havia alguma revolta popular, coisa que era tam vulgar que mesmo em pé de guerra eles se consideravam em paz, no dia seguinte encavalavam as lunetas no nariz, seguiam atentamente a marcha das operações nas gazetas, encolhiam os ombros, e continuavam naquele engano de alma ledo e cego que a fortuna, para ser desagradável ao Camões, deixava durar eternamente.

Havia muitos políticos naquela encavalada cidade, tantos que quem os quizesse contar teria de bater a todas as portas e subir a todos os andares, porque o andado maldito a todos tinha tomado com a sua pegonha terrível. Os graúdos, quer dizer, os chefes, eram criaturas exóticas, e se bem que amassados no mesmo alguidar em que o tinham sido os seus concidadãos, possuíam formas perfeitamente diferentes. Entre outros defeitos orgânicos eram, por exemplo, senhores de enormes, fenomenais barrigas, as quais—o povo o dizia—nada havia que satisfizesse. Alguns até lhe chamavam tubarões. O desequilíbrio resultante da desproporção de peso, à frente, era neutralizado por um aumento correspondente na parte oposta que, sendo rotunda e bojuda, passava, naquela extraordinária terra, por ser a residência oficial de Sua Magestade o Medo.

O povo vivia no melhor dos mundos e só se incomodava para servir os senhores da parte rotunda de que já falei; estes reservavam, por sua vez, o seu tempo precioso ao estudo das mais intrincadas problemas que chafiam a existência do povo. Era, como se vê, uma troca de serviços. Problemas havia-os sempre, e só as ovelhas ranhosas desta encantadora cidade pretendiam que eles não acabavam nunca porque os políticos não queriam. Gente ruim, afinal. Havia o problema económico, o problema político, o problema financeiro, o problema do jogo, o problema da mendicância, o problema da habitação, o problema do analfabetismo, o problema da alimentação, o problema do distrito, o problema daquilo, o problema daquilo, e todos estes problemas que cada qual encontrava pendentes quando via a luz da ribalta do teatro da vida, continuavam cada vez mais

pendentes ao abandonar-se a scena dum vez para sempre. Eram problemas para a vida e para a morte. No parlamento, porque nesta cidade já cognominada de cidade-problema também havia parlamento, estes problemas eram atacados todos os dias com uma dose de verborreia tanto mais para louvar quanto é certo que os discursos primavam pela vernaculidade, e os apares pela rizeja e pela... sonoridade. Falava-se muito e obra-se pouco, o que, todavia, não era de estranhar, porque o fâmlico e problemático povo desta problemática cidade de problemas comia pouco também, o que dava lugar a uma crise de energia, que ali desaparecia quando indispensável se tornava pegar em armas para castigar os traidores—que os havia algumas vezes.

O povo, entretanto, morria de lazeira, e como não sabia ler tinha a pança cheia de parvoíces e o cérebro tam vazio como as albiças. O povo era ignorante e consentia de boamente todas as albardas que quizessem pôr-lhe. Mas um dia entrou de abrir-lhe os olhos; e como, ao abri-los, encontrasse ainda sem solução todos os problemas que os seus avós já haviam conhecido, igualmente insolúveis, pensou que poderia também apresentar o seu, uma vez que os politiquinhos—ou pelotiquinhos—que só tinham barriga e... o resto, não se importavam com a sua sorte. E apresentou-o, firmemente, desassombradamente. Tremeram as barrigas e as adjacentes rotundidades, porque o problema pôsto era por demais violento e utópico—diziam os outros. O povo desenapava da politiquice que até então se lhe escarranchara no cachaço, e os senhores que mandam começaram a olhá-lo, não já como um carneiro manso, mas como um galo atrevido que, com o seu problema, resolvia todos os outros que a incompetência e o não-le-talos não podiam resolver.

Vejam lá agora os meus amigos se acertam com o problema que os bons habitantes da interessante cidade se propuseram levar a cabo. E, em virtude das afinidades que tem com o povo de que lhes falo, se o decifrarem podem também ir preparando as botas velhas com que hão-de terminá-lo, não vão estragar o melhor calçado que possuem, sujando-lhe as biqueiras com o produto inevitável da aplicação do pé no armazém do medo, quando aos politiquinhos for tirado, por este processo, a prova real dos seus crimes e das suas intrufices.

Que de resto a solução, do problema vale bem o sacrifício dum par de botas...

AS 8 HORAS DE TRABALHO

O desrespeito pelos direitos dos trabalhadores vai sempre crescendo. Já não importa aos legalistas que esses direitos sejam salvaguardados por uma lei. A lei é feita para ser sofismada; eles nem sequer a sofismam; passam sobre ela como passam, e atropelam tudo quanto lhes convenha. Tudo está nas suas mãos, tudo manobram a seu contentio. A saúde, a instrução, o trabalho dum povo, são jogados por eles como quem se delicia arrepassando uma bola de tennis, segundo as conveniências do jogo. A saúde roubam-na-lhe, porque necessitam dela para comprar joias afamadas. A instrução pertence-nos, mas eles monopolizam-na para que não aprendamos a conhecer a sua situação iníqua. O trabalho prolongam-no sempre, para que nós percamos a saúde, a instrução e não vejamos que o produto desse trabalho serve para lhes fornecermos todos os gossos, todos os prazeres.

Continuam defendendo a sua burla com outras burlas. São eles que inventam a lei, mas também são eles que não cumprem a lei.

Oito horas de trabalho apenas é uma utopia! exclamam eles. «Que seria dum país onde só se trabalhasse oito horas? Pois, não é que trabalhámos, não é que temos o direito de regular esse trabalho. Se porventura a produção diminuisse por esse motivo, o erro era nosso; nós é que pagávamos esse erro, eles, os legalistas e industriais, nada temem que ver com questões de trabalho e, consequentemente, com questões de produção. Mas não. Eles nada fazem (a não ser leis) e ainda tem o impudor de nos obrigarem a trabalhar de sobreposse. «Para termos as nossas comodidades, os nossos prazeres? Não. Para lhes darmos autos de luxo, cigarras perfumadas, amantes pintadas e Mage-

Antero de LIMA.

—A Associação dos Polidores de Móveis convida a classe a assistir à sessão promovida pela comissão organizadora do Sindicato Unico da Indústria, que hoje se realiza no sindicato do pessoal dos tabacos, rua do Mirante, 51, para que assim com melhores conhecimentos possam apreciar o parecer que será apresentado na próxima assembleia geral que se realiza na sexta feira.

Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapeleiros

Grande sortimento em chapéus, lisos e mechas em cores lindíssimas, formatos dos mais afamados fabricantes estrangeiros

GRANDE NOVIDADE

Chapéu mole, novo modelo americano, muito elegante, só na Cooperativa A SOCIAL



ESPECIALIDADE EM CHAPEUS DE SEDA E FLAMÃO

Armazem e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

ESTABELECIMENTOS

Sede: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33
1.ª Sucursal: — Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 74-A
2.ª Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29
3.ª Sucursal: — Rua do Arco do Arco do Marquês de Algrete, 56, 58

Fábrica de bonets

Chapéu modelo Jaurés (Exclusivo)

LIMA NETO, MOURA & C.ª

Compra e venda de títulos nacionais e estrangeiros

Rua dos Retrozeiros, 100 a 106

Esquina da rua dos Sapateiros, 1 e 3

TELEFONE 3844

TELEGRAMAS — IMAN

OURIVESARIA

A REALIDADE

OURO E JOIAS

Compra e vende por melhor

preço

OURIVESARIA

A Realidade

44, Rua Eugénio dos Santos

(Antiga Rua de Santo Antão)

TUBO de chumbo novo para Agua e Gás.
Tubo de ferro fundido para algerozes de 4"

Zinco em barra para galvanização de cavilhas. Aço francês especial para minas 1" 1/4 oitavado.
Rodas Decauville novas.
Prancheta de ferro 1" x 3/16.

Meia cana 1" 1/2 x 1/2. Folhas novas de molinos.
Vergalhão de ferro novo 1" 3/4 quadrado.
Ferragem diversa para navios.
Paus de carga.
Um motor a gaz pobre completo Steepport 30 HP.

Serra circular com mesa de ferro.
Uma ventoinha 7" x 3/4.

Dois enfardadeiras para palha.
Uma enfardadeira para cortiça.
Madeira para calças de exportação.
Vende: A. B. dos Reis.
Cais do Sodré, n.º 52 — Tel: C. 4317.

PAPELARIA

Viúva de Manuel da Costa Marques & C.ª Limitada

Rua do Ouro, 36

Telefone 2.676-C.

COMPLETO SORTIDO DE ARTIGOS PARA ESCRITÓRIO

SIFILIS

Grande descoberta da planta para a cura da sífilis e de todas as doenças que derivam da impureza do sangue. Contém de poções ao tom curado. Trata-se de todas as doenças por meio de ervas. Pacote, 600 réis. Travessa da Oliveira, 21 rez-do-chão, direito, à Estrela.

As valentes e PERAS

Para a rapaziada Mais de dez mil pares de botas

Botas brancas as Valentes para a rapaziada a 7500, 9250 e 9750.
Botas pretas ou de cor a 6750, 8750, 9750.
Botas pretas de vitela americana a 10500, 12500, 13500 e 15500.
Sapatos em pelica para senhora a 6750, 7500 e 8500.
Sapatos em pelica-verniz para senhora a 11500, 12500 e 14500.



Grande variedade de calçada de luxo para senhora, homem e criança

Venham vêr as Valentes

Manda-se calçado para a Província contra reembolso

Fornecedor dos empregados dos Caminhos de ferro Portuguezes e do Sul e Sueste e Cooperativa dos empregados do "Diário de Notícias".

Sapataria de S. Roque

LARGO DE S. ROQUE, 16, 17

Banco de Portugal

Até ás 3 horas da tarde do dia 26 do corrente recebem-se neste Banco requerimentos para admissão de caixeiros-ajudantes.
A prestação das provas práticas só podem ser admitidos os candidatos que não tenham menos de 18 anos de idade, nem mais de 30, e provevem estar habilitados com o curso complementar dos liceus (7.º ano) ou com qualquer dos cursos officinaes do comércio.
São preferidos, em igualdade de circunstâncias, os que tiverem o Curso Superior do Comércio e boa caligrafia.
Lisboa, 15 de Novembro de 1919.

Pelo Banco de Portugal

OS DIRECTORES

H. Mathes dos Santos.

J. P. C. Neves.

Carpinteiros

Precisam-se — Rua do Mundo, 116.

Comp. Caminhos de Ferro Portuguezes

Sociedade Anónima — Estatutos de 30 de Novembro de 1894

EXPLORAÇÃO

Concurso para a exploração dos buffets das estações de Setúbal, Alfaiates, Anjo, Torre das Vargens, Portalegre, Elvas, Castelo Branco, Torres Vedras, Caldas da Rainha, Leiria e Amieira

Até ao dia 5 de Dezembro próximo futuro, as 15 horas, receberá esta Companhia a Direcção Geral, em Lisboa-Santa Apolónia, em carta fechada, propostas para a concessão e exploração dos buffets acima indicados, durante o anno de 1920, devendo as mesmas ser endereçadas à Direcção Geral e com a designação exterior de: "Proposta para a exploração do buffet da estação de..."

As condições da exploração em que são cedidos os referidos buffets encontram-se patentes nas respectivas estações e em Santa Apolónia, na Divisão da Exploração.

Lisboa, 15 de Novembro de 1919.

O director geral da Companhia

Ferreira de Mesquita

NOTA: em TOMAR vende-se na officina de alfaiate e serzidor de Raimundo Ribeiro, rua Leiria, onde recebe anúncios e correspondências.

OURO!!!

Mais barato e não se paga feição — Só milagre!!!

OURO

Comprem na conhecida e acreditada casa Paiva & Fraga.

Ha sempre grande sortido de cordões, correntes, anéis, alfinetes e mais objectos em 2.ª mão renovados com pouco feição.

4 e 12, R. da Palma, 4 e 12

Junto a Casa das Galoas

TELEFONE 3676

O Decreto n.º 5637 de 10 de Maio de 1919

Obrigou todos os patrões a assegurar contra ACIDENTES DE TRABALHO TODOS OS SEUS ASSALARIADOS, (operários, domésticos, trabalhadores rurais, etc.)

Pedir exemplar do Decreto bem como todas as informações sobre este assunto á

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

S. A. R. L.

CAPITAL, 500.000\$000

RESERVAS: 405.402\$76,7

Sede — RUA GARRET, 95

Agências, serviços médicos e farmaceuticos organizados em todos os pontos do País.

A MUNDIAL foi a primeira Companhia Portuguesa autorizada a explorar os seguros de Accidentes de Trabalho.

Logo da A Mundial

Quereis fazer economias?

COMPRA NA

Louçaria do Pôço Novo

Louças esmaltadas, vidros, jarros, can dietros, faianças, porcelanas, etc., etc.
Serviços de jantar e almoço em faiança e porcelana.
Variedade em objectos para brindes. Sortimento em artigos de uso doméstico.



PREÇOS DA FABRICA

Largo do Pôço Novo, 22 — Lisboa

(fundo da C. do Combro, defronte da Palmeira)

Tuberculose, anemia, falta de forças e de appetite: Nucleo-calcina

Farmácia Formosinho

Praça dos Restauradores, 18

Lisboa 476

Fósforos

Ficam avisados os srs. revendedores de fósforos de que podem dirigir directamente os seus pedidos:

No norte do País, aos Revendedores Gerais:

Alves Macedo & Borges, S. res 249

67, Rua do Bom Jardim, 69 — PORTO

No Sul e Ilhas Adjacentes, aos Revendedores Gerais:

Nogueira Marques & C.ª

Rua da Alfândega, 92 — LISBOA

sendo os preços por caixa de 3:600 caixinhas (25 grozas):

Fósforos de enfeite 36\$00 ou \$01 por caixinha; ditos Amorfo, 72\$00 ou \$02; ditos de Cera Comum, 72\$00 ou \$02; ditos de Cera de Luxo n.º 1 (quarto de caixote), 36\$00 ou \$04; ditos de Cera de Luxo n.º 2 (quarto de caixote), 27\$00 ou \$03 por caixinha, com o desconto legal de 10/10, seja qual for o número de grozas pedidas.

Quaisquer queixas acerca da demora da execução dos pedidos ou falta de concessão do desconto, devem ser dirigidas á Companhia Portuguesa de Fósforos, rua de S. Julião, 139 — LISBOA.

"Garantia"

Companhia de Seguros Marítimos e Terrestres

FUNDADA EM 1853

SÉDE NO PORTO: RUA FERREIRA BORGES (Edifício próprio)

Capital 1.000 CONTOS

(Um milhão de escudos)

Snistros pagos até 31 de Dezembro de 1918: 6.579.529\$26,6

Dividendo distribuido, idem, idem: 1.394.000\$00

Efectua seguros contra riscos de fogo, industriais, lucros cessantes, aluguéis de predios, greves e tumultos (só em predios e mobílias), agrícolas, automoveis, riscos marítimos e riscos de guerra.

Agentes em Lisboa

José Henriques Totta & C.ª

BANQUEIROS

69 a 79, Rua Aurea, 69 a 79

Telefone 533 e 1589 Central

Patentes — Venda ou exploração

das seguintes, concedidas em 18 de Outubro de 1916: N.º 9379 e 9381 para "Moldes para a construção de casas monolíticas".

Informações: — A. Dornellas, agente official da Propriedade Industrial. Praça do Rio de Janeiro, 6 — Lisboa.

Atenção

Alfred Wilm, proprietário da patente de invenção n.º 7028 para "Um processo para aperfeiçoar as ligas de magnésio", concedida a 2 de Maio de 1911 desejando que o seu invento seja o mais possível aproveitado no país, declara que se prontifica a conceder licenças para o uso parcial do privilégio ou mesmo a vender a patente. Correspondência a Haseltine, Lake & C.ª, 28, Southampton Building, Chancery Lane.

(67)

Reumatismo

Seja ele de que qualidade for e antigo que seja, a sua cura é certissima e em poucos dias sentindo-se prontos alivios logo em seguida ás primeiras vezes que se uzar. Cada tubo 1\$50, pelo correio mais \$20. Vende-se na travessa da Oliveira, 21, r/c. D. (ao Largo da Estrela) (631)

— ASFALTO —

Execução rapida de qualquer trabalho na provincia e em Lisboa. Unico preservativo contra a humidade e suidade nas paredes. R. Vitorino Damasio, 16 e 18 (ao jardim de Santos) (643) Telef. 3799 José A. Alves

(67)

Vapor BEIRA

Sairá no dia 25 de Novembro para Funchal, S. Tomé, Loanda (S. Nicolau, Cuiço, B. Velha, Quissembo, Ambrise, te, Quinzau, Quissanga, Boma, Nôqui-Matadi, Lândana, Mucula e Musseria, com baldeação em Loanda), Lobito, Mossamedes, Cabo, Lourenço Marques, Beira, Mocimbo; e para Inhambane, Ibo, P. Amélia, B. Dias, Angoche e Tunge, com baldeação.

Vapor MOSSAMEDES

Sairá nos fins do corrente mez, para S. Vicente, Praia, Príncipe, e S. Tomé

Para carga, passagens e quaisquer esclarecimentos, trata-se nos escritórios da

Companhia Nacional de Navegação

Em Lisboa: Rua do Comércio, 35.

No Porto: Rua da Nova Alfândega, 70, 1.º.

(116)

Biblioteca de A BATALHA

LEITURA QUE RECOMENDAMOS

Adrian del Vale — Jesus na guerra.....	\$50	Krapotkine: Os bastidores da guerra.....	\$03	Tolstoi: A próxima revolução.....	\$30
Albert — O amor livre.....	\$50	A conquista do pão.....	\$50	A escravidão moderna.....	\$40
Alfredo M. Dias — A Razão (poemeta social).....	\$05	Palavras dum revoluto.....	\$50	Pão para a boca.....	\$20
Berthelot — Evangelho da Hora.....	\$05	A grande revolução (2 vol.).....	\$100	Do clero.....	\$30
Carvalho — Nemi Deus nem Diabo.....	\$30	Em volta duma vida.....	\$105	Varennas — O terrorismo em França.....	\$70
Claro — Oração da fome.....	\$18	Anarquia — Sua filosofia, seu ideal.....	\$20	Zola: A taberna (3 v.).....	\$120
Dufour — O sindicalismo e a próxima revolução (2 vol.).....	\$100	Landauer — A Social Democracia na Alemanha.....	\$02	A obra (2 v.).....	\$80
Delaisi — Os financeiros, os políticos e a guerra.....	\$05	Leone — O sindicalismo.....	\$50	A terra (2 v.).....	\$80
Delessalle — A Confederação do Trabalho.....	\$03	Libertas — O rei e o anarquista.....	\$03	A alegria de viver (2 v.).....	\$80
E. Silva — Teatro livre e arte social.....	\$05	Lima (Adolfo): Educação e ensino.....	\$40	Loures.....	\$1905
Etievart — A minha defesa.....	\$05	O movimento operário em Portugal.....	\$20	A SEMENTEIRA — 4.º ano e até ao último número da 1.ª série, 16 números, 128 páginas de sociologia, biografia, gravuras, etc.....	\$30
Gorki: Os vagabundos.....	\$40	Malatesta: Em tempo de eleições.....	\$02	Os 2 primeiros anos da 2.ª série, 1916-1917, com ótina e variada colaboração, canções revolucionárias com música, trovas sociais, teatro, gravuras, etc., além de cerca de 400 receitas, fórmulas e conselhos, um volume de 384 páginas, solto.....	\$50
Os degenerados.....	\$40	Entre camponeses.....	\$10	Os 4 anos da 2.ª série (1916 a 1919) 656 páginas.....	\$100
Scenas de família.....	\$65	A política parlamentar no movimento socialista.....	\$02	FOTOGRAFIAS (em papel coucho), de Bakunine, Berthelot, Caffero, Darwin, Faure, Ferreira, Gori, Lorenzo, Morris, Paepke, Prondhion, Reclus, Sidermann, Stepniak, cada.....	\$02
A mãe.....	\$30	Marx — O Capital.....	\$50	O Zê (Número comemorativo do 1.º de Maio 1919)	\$02
Na prisão.....	\$40	Molineri — Problemas sociais.....	\$25		
Os ex-homens.....	\$30	Nordau: A mentira religiosa.....	\$20		
		A sociedade futura.....	\$50		
		O individuo e a sociedade.....	\$50		
		A anarquia — Fins e meios.....	\$105		
		Hamon: Psicologia do militar profissional.....	\$50		
		Psicologia do socialista-anarquista.....	\$50		
		Socialismo e Anarquismo.....	\$25		

Satisfazem-se todos os pedidos destas e de outras publicações, quando acompanhados das respectivas importâncias, e dirigidos à administração de A BATALHA.

CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º
LISBOA-PORTUGAL

"A BATALHA"

DIÁRIO OPERÁRIO DA MANHÃ

Redacção e administração

CALÇADA DO COMBRO, 38-A-2.º

Lisboa-PORTUGAL

Endereço telegráfico — Talhava — LISBOA

ASSINATURAS

Pagamento rigorosamente adiantado

Lisboa: 1 mês, \$60 — Portugal, Ilhas, Colónias e Espanha, 3 meses, \$170; 6 meses, \$340; 1 ano, \$680. Territórios da União Postal: 6 meses, \$320; 1 ano, \$640.

Não se aceitam pedidos de assinatura que não venham acompanhados da respectiva importância. — A despesa da cobrança que tiver de ser feita pelo correio é aumentada ao preço da assinatura

ANÚNCIOS

Recebem-se, bem como reclamos, avisos, comunicados e qualquer outra publicação idêntica, aos preços da tabela, na administração da Batalha, nas agências Havas, Bostes & Gonçalves, Americana, etc.

Comunicados e anúncios, quando contêm acusações a particulares ou relativos à vida privada seja de quem for, não se publicam, reservando-se o direito à administração de A Batalha de recusar anúncios ou qualquer outra matéria paga quando, por motivo de ordem moral, entenda dever recusar.

A cargo do anunciante o imposto de selo, 2 centavos

Acceptam-se anúncios de todo o país, ilhas, colónias e estrangeiro

TABELA DE PUBLICIDADE

Artigos, reclamos e comunicados, 3.ª página, cada linha.....

Na 4.ª página.....

Anúncios por contrato, abatimentos especiais.

Bolsim de trabalho: anúncios até 3 linhas, por intermédio das associações ou seus sindicatos, procurando emprego, gratis.

De Precisa-se de: maiores e em progressão, 4 centavos.

Comunicados e anúncios de Associações, Cooperativas e outras agremiações de carácter operário, preços excepcionais.

A marcação dos anúncios é feita pelo diâmetro de corpo 6.